

AS ARTISTAS DO SUL: PROCESSOS CRIATIVOS, EDUCATIVOS E FEMINISMOS

WOMEN ARTISTS FROM SOUTH: CREATIVE PROCESS, EDUCATIONAL AND FEMINISMS

SCHUSTER, Eduarda

Acadêmica de Artes Visuais Bacharelado, Centro de Artes, UFPel. Bolsista PBIP-AF/UFPel
eduardagschuster@gmail.com

TAVARES, Luiza

Acadêmica de Artes Visuais Bacharelado, Centro de Artes, UFPel. Bolsista PROBIC
FAPERGS/UFPel
luamata100@gmail.com

SENNA, Nádia (Orientadora)

Profa. Associada Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas /UFPel
alecrins@hotmail.com

RESUMO

O artigo apresenta o relato em torno de três artistas pelotenses, que integram o projeto de pesquisa “As artistas do Sul: experiências lúdicas e educativas”, o qual busca dar visibilidade às artistas mulheres de Pelotas e da região sul do Brasil, procurando promover seu reconhecimento, enfatizar seus processos poéticos e discursos, resultando em livros ilustrados propositivos e paradidáticos voltados ao público infanto-juvenil. A primeira artista, Maria Lúcia Magliani, comparece pelo seu protagonismo como mulher e negra, que privilegiou o feminino, as questões do corpo e a condição humana em sua obra; na sequência apresentamos a arte-educadora Seli Maurício reconhecida bonequeira, cujo amor pelas crianças lhe motivou a fazer de sua arte, expressão lúdica e sensível do mundo, sua crença nos sonhos e na poesia originou uma obra que busca comover e transformar; e, ainda, Arlinda Nunes, a artista que teve enorme papel no desenvolvimento do ensino das artes e da prática artística em Pelotas, sendo uma das fundadoras do Movimento Artístico de Pelotas (MAP), com longa trajetória, experimentou diversas técnicas e materiais, sempre expressando em seu trabalho uma preocupação de encontrar a si mesma e se relacionar com o mundo.

Palavras-chave: Mulheres artistas. Arte e educação. Processos educativos.

ABSTRACT/RESUMEN

The article presents the report about three Pelotas artists, who are part of the research project "The artists of the South: ludic and educational experiences", which seeks to give visibility to the women artists of Pelotas and the southern region of Brazil, seeking to promote their recognition, emphasize their poetic processes and speeches, resulting in propositional and paradidate illustrated books directed at the infanto-juvenile public. The first artist, Maria Lúcia Magliani, appears for her protagonism as a woman and a black woman, who privileged the feminine, the questions of the body and the human condition in her work; in the sequence we present the art-educator Seli Maurício, a renowned puppet maker, whose love for children motivated her to make her art, playful and sensitive expression of the world, her belief in dreams and poetry originated a work that seeks to move and transform; and Arlinda Nunes, the artist who played a huge role in the development of art education and artistic practice in Pelotas, being one of the founders of the Pelotas Art Movement (MAP), with a long history, experimented with various techniques and materials, always expressing in her work a concern to find herself and to relate to the world.

Keywords/Palabras clave: Women artists. Art and education. Educational process.

Magliani, Seli Mauricio e Arlinda Nunes são artistas pelotenses que ganharam destaque no cenário das artes em âmbito regional, nacional e internacional, porém pouco comparecem nas bibliografias especializadas e junto aos acervos de arte e ensino da arte. Uma condição que perpassa a trajetória da maioria das mulheres artistas, cujas obras, processos e protagonismos ganham pouca visibilidade. Ultrapassar esse “esquecimento” e romper o “silêncio da história”, conforme expressão da pesquisadora Michele Perrot, tem motivado pesquisas no mundo todo, filiadas aos estudos culturais e de gênero, com intuito de resgatar personalidades e narrativas de vida.

Imbuídas pelo mesmo espírito fundamos o grupo de pesquisa Caixa de Pandora: mulheres artistas e mulheres filósofas no século XX, em 2007 na UFPel, para retomar questões referentes a representação feminina na história da arte. Desde então temos desenvolvido projetos, estudos, ensaios, mostras e eventos buscando a inserção social das mulheres no âmbito de suas circunstâncias, nos contextos de produção intelectual e artística, para conhecer como estas artistas foram consideradas cultural e historicamente.

As artistas do Sul em experiências lúdicas e educativas constitui um dos projetos atuais do grupo de pesquisa que dá seguimento a questões e ações educativas iniciadas em outras instâncias. Nesse momento, buscamos o reconhecimento de artistas pouco contempladas no âmbito acadêmico brasileiro – as artistas do sul do Brasil. Sobretudo, as artistas visuais cujas obras priorizam o universo feminino.

O foco do estudo recai sobre os embates em torno de identidades e subjetividades assumidas pela mulher, temas recorrentes nas representações e autorrepresentações do feminino protagonizado pelas artistas contemporâneas.

A seleção inicial compreende um pequeno grupo de mulheres artistas pelotenses, buscando as biografias, os processos poéticos e os discursos; com intuito de desenvolver ações e materiais paradidáticos voltados para o ensino da arte em nível fundamental e médio. O trabalho recupera informações já coletadas, experimentações, materiais e métodos empregados em projetos anteriores. Maria Lídia Magliani e Seli Maurício integraram a primeira coletânea de livros paradidáticos dedicados ao público Infanto-juvenil desenvolvidos pelo grupo. O encantamento com a trajetória destas artistas, nos motivou a trazer outras protagonistas, igualmente relevantes para a fruição, produção e ensino da arte em Pelotas, tais como: Inah Costa, Arlinda Nunes, Judith Bacci, Lenir de Miranda, Helena Pinto Ferreira, algumas das artistas que vamos contar as histórias, desvendar processos criativos, perceber obras e discursos.

Gênero e história da arte

Considerar o protagonismo e a produção feminina na arte implica em uma desconstrução radical do discurso tradicional da disciplina história da arte, pois exige a superação do distanciamento ideológico entre homens e mulheres, que o sistema da arte insiste em manter. Esse é um dos maiores paradoxos da arte, pois o campo foi desde os primórdios acessível à presença feminina.

É certo que as mulheres foram majoritariamente musas, patrocinadoras e aprendizes; elas constituem o grande tema da arte, dominando o imenso acervo de imagens, ou seja, entraram para a história como representações. Cabe lembrar que o conhecimento artístico, o gosto pelas belas artes, era estimulado entre as mulheres, principalmente entre aquelas que dispunham de maiores recursos, como parte de uma educação distintiva que preparava futuras esposas. Por outro lado, aquelas menos favorecidas vêm, desde então, se dedicando às artes e ao artesanato como atividade extra, para complementar a renda familiar.

Daí decorre a famosa questão proposta por Linda Nochlin, em seu artigo pioneiro *Why Have There Been No Great Women Artists?* (1971), onde a autora aponta para o paradoxo e avança sobre a problemática ao considerar aspectos sociológicos, ideológicos e culturais que apartam as mulheres da história da arte. A pesquisadora atenta para o atributo da “genialidade”, uma construção mítica e inerente ao masculino, conforme insistem os historiadores; desvenda a generificação que se estabelece sobre as condições de ensino e possibilidades de dedicação, revela hierarquias institucionais que enobrecem a arte de uns (arte maior) e desqualificam a arte de outras (artes menores e artesanato). Em seus estudos assevera o quanto as produções delas se aproximam das produções artísticas de seus colegas homens, considerando períodos e referências, rechaçando a concepção de uma arte feminina, mais doce e delicada, que a crítica utilizava para apequenar a produção.

Nochlin foi revolucionária, suas considerações desencadearam projetos e posturas, principalmente entre o grupo de artistas da comunidade norte-americana que integravam o movimento feminista, num dos seus momentos mais atuantes, conhecido como segunda onda. O protagonismo das mulheres no período produziu, e exigiu, transformações que repercutiram sobre todos os setores sociais. “O pessoal é político”, o lema dos anos 70, explicitava sobre a necessidade de ultrapassar as fronteiras entre público e privado, desejo e poder para eliminar desigualdades.

Afinadas com a ousadia do discurso feminista, as mulheres artistas inovaram sobre iconologias, experimentaram linguagens transgressoras, investiram com efeito na performance, fundaram cursos de arte para mulheres e, explicitaram cerceamentos impostos pelo sistema da arte.

É verdade que fizeram história e, também é verdade que poucos nomes conquistaram o merecido reconhecimento. Então, como superar a dominação masculina, ou a “violência simbólica” (Bourdieu, 1995) que impregna pensamentos e organizações?

As revisões contemporâneas propostas pelas pesquisadoras e historiadoras engajadas no projeto feminista trazem à luz outras complexidades, que implicam na mudança de paradigmas, construção de novas metodologias e escrituras, visando produzir contra-histórias, ou uma nova história da arte, mais igualitária e abrangente.

Dentre estas novas proposições, nos interessa a metodologia engendrada por Griselda Pollock, pela conexão que estabelece entre as histórias das artistas e as formações ideológicas e sociais que incidiram sobre suas poéticas, dimensionando espaços de atuação frente as estruturas espaciais adotadas nas obras. Experimentamos essa abordagem em outras pesquisas e, inclusive, ampliamos o estudo ao incorporar o espaço do devaneio, situando o imaginário encenado. O recurso nos permite operar deslocamentos, propor encontros e subversões, atentando para o processo criativo em sua integralidade. E, tal como propõem as novas leituras/escrituras, possibilitam conhecer a história das mulheres na arte e descobrir algo acerca de nós mesmas que não conhecemos.

Cenário das artes em Pelotas

A cidade de Pelotas é reconhecida pelo patrimônio arquitetônico e artístico remanescente do seu apogeu econômico e social vivenciado no final do séc.XIX. O período se caracterizou pela presença de artistas estrangeiros que aqui fixavam seus ateliês, trabalhando sob encomenda e como professores. Essa atuação foi decisiva para despertar vocações e estimular a apreciação artística entre os locais o que culminou com a criação da Escola de Belas Artes em 1949. Cabe lembrar a influência de pintores como Guilherme Litran, Frederico Trebbi, Aldo Locatelli e Leopoldo Gotuzzo, porém foi o empenho de uma mulher, Marina de Moraes Pires, que concretizou o início formal do ensino da arte na cidade. E, outra mulher, Dona Carmem Trápaga Simões, foi a doadora do prédio para a sede própria.

Da origem da EBA até sua incorporação pela Universidade Federal de Pelotas em 1973, constatamos a presença expressiva de mulheres que se destacaram com alunas, professoras e artistas sendo responsáveis pela formação, valorização e crescimento da arte e da cultura. Inah D'Ávila Costa, Hilda Mattos, Benette Casaretto Motta, Arlinda Nunes, Iara Castro Maniet, Clara Pechansky, Marlene Kerr, Helena Pinto Ferreira, Marlene Tejada, Lenir de Miranda, Aurys Abrantes, Luciana Renck Reis, Myriam Anselmo, Yeda Luz, Carlinda Valente, Dora Sollazzo, Maria Luiza Caruccio, Flora Bendjouya e Lígia Estrela são alguns dos nomes cujos protagonismos e trajetórias merecem o devido reconhecimento acadêmico. Rever estas histórias se faz essencial para dimensionar o sistema da arte em nossa região, compreendendo processos de ensino, formação docente, profissional, circulação e consumo.

As artistas

A efervescência cultural iniciada na segunda metade do séc. XX vai explodir no sul do Brasil nos anos 80. Um momento de abertura política conjugado com o crescimento econômico. Em Pelotas proliferam espaços de exposição junto às instituições Biblioteca Pública, Hall da Prefeitura e FUNDAPEL– Fundação Municipal de Cultura, Lazer e Turismo de Pelotas, bem como galerias particulares e comerciais como a do Hall do Grande Hotel, a Galeria Van Gogh junto ao Hotel Manta, a Galeria de Arte Larré da Silva e a da Masson anexa à Joalheria Masson, entre outras.

Embora o projeto feminista na arte pouco ecoasse na cena artística pelas bandas de cá, foram essas mulheres formadas e atuantes na EBA, agora Instituto de Letras e Artes da UFPel quem renovaram o cenário, trazendo um pensamento de vanguarda, promovendo o intercâmbio com artistas nacionais e internacionais e, sobretudo, dispostas a aprender e inovar.

Esse protagonismo e experimentalismo atingiu o ensino de arte que nesse momento vivia um processo de expansão e transformação curricular, que procurava ultrapassar o academicismo para introduzir tecnologias, conceitos e processos criativos contemporâneos.

Cabe lembrar a importância dos ateliês particulares mantidos por essas artistas como espaços de trocas e criação que reunia os grupos atuantes, onde umas apoiavam as outras para a consolidação profissional.

E, foi devido ao interesse dos grupos e investimento dos espaços de exposição que a cidade retomou o contato com **Maria Lídia Magliani** (1946-2012). A artista nascida em

Pelotas despontava como um talento nacional em função da projeção alcançada pelo movimento neoexpressionista do final dos anos 80. Com um desenho vigoroso, tão intenso quanto sua personalidade, Magliani põe em cena uma figuração opressiva (Figura 1). Sua obra pode ser compreendida como:

alegoria de nosso tempo, uma espécie de metáfora de uma época de deformação e aviltamento do ser humano. A um universo histórico de autoritarismo, violência, corrupção e impunidade corresponderá uma arte aberta para o caricatural, o feio, o sórdido. Uma arte reveladora – apesar de sua linguagem simbólica –, o grau de coisificação a que fomos submetidos [...] os seres de Magliani nos remetem obrigatoriamente para a realidade que os tornou possível. (GONZAGA in ROSA e PRESSER, 2000, p.330)



Figura 1: Sem título, 1986. Fonte: <<http://mam.org.br>>

Magliani se mudou ainda criança para Porto Alegre e foi lá que realizou sua formação, tendo sido a primeira mulher negra a se formar no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1963.

Seu pioneirismo e engajamento social marcam sua trajetória multifacetada. A artista experimentou desenho, escultura, gravura, pintura, cenário, figurino, ilustração, diagramação para jornais e editoras e, inclusive, participou como atriz em espetáculos teatrais nos conturbados anos 70. As transformações políticas e artísticas incidem sobre sua obra de forma dramática e intensa, para ela não há distinção entre arte e vida.

Meu trabalho expressa ou pretende expressar a mim como um todo. Logo, estão incluídas nele todas as minhas descobertas, dúvidas e preocupações – também o

feminismo, a ecologia e a negritude. Estão incluídos com todas as coisas que me formaram até aqui, mas não estou interessada em fazer panfleto de nada, não sou militante de nenhum movimento específico. Pratico minhas ideias, não gosto de proselitismo. Me interessa sempre a essência do humano, que não é divisível em credos, raças e ideologias. (Depoimento em ROSA, 2003, p.38)

A condição humana, o simbolismo dos objetos e a expressividade dos corpos são recorrentes em sua produção. Em torno dessas problemáticas a artista desenvolveu muitas séries onde experimentou diferentes materiais e técnicas investindo sobre seu processo criativo. Por todas estas distinções selecionamos Magliani como a primeira artista pelotense a integrar a coleção As Artistas do Sul (Figura 2).



Figura 2: capa livro da coleção. Fonte: as autoras.

O livro desenvolvido pelo grupo de pesquisa foi construído colaborativamente em um trabalho que desvendou o processo criativo da artista, com desdobramentos educativos, voltado para o público infanto-juvenil.

Optamos por uma narrativa visual sequenciada com referência nas histórias em quadrinhos. O roteiro construído em conjunto segue três momentos distintos que servem ao propósito de visibilizar potencialidades do processo criativo da artista. Assim, comparece a menina Magliani entretida com os objetos domésticos que proliferam na série Acumulações. A figuração expressiva da série Mundaréu (Figura 3), acompanha a jovem Magliani e a série

Praia com seus autorretratos em meio ações cotidianas, ambienta a maturidade da artista. Essa produção foi desenvolvida nos anos 2000 com técnicas afins, que foram selecionadas pelo grupo pelos desdobramentos educativos pretendidos, onde propomos um exercício com carimbos como alternativa para vivenciar a ludicidade do processo poético.



Figura 3: Series Acumulação e Mundaréu. Fonte: <<https://www.estudiodezenove.com>>.

Um dos propósitos da coleção é produzir uma empatia entre artistas e o público infanto-juvenil, daí nosso despreendimento com uma narrativa biográfica tradicional, com liberdade criativa mesclamos obras e imaginários. Nossa Magliani em estilo *cartoon* tem humor e leveza que contrastam com a seriedade comumente associada à artista (Figura 4).



Figura 4: página do livro. Fonte: as autoras.

Igualmente engajada e atuante em projetos que repensam práticas de arte atreladas às questões políticas e sociais, se incluí a artista bonequeira **Seli Nachtigall Maurício** (1941). Com formação na antiga EBA e professora na Escolinha de artes de Pelotas, a artista deu vida à fantoches e bonecos, que animaram festas, foram objetos de criação coletiva, ferramentas pedagógicas e contribuíram para revigorar o Teatro de Bonecos na região sul. Seli Maurício fundou o grupo Trio Pilha, do qual participavam sua filha Rita Maurício e Nerinton Marques, tendo sido o primeiro grupo de Pelotas a participar do Festival Internacional de Teatro de Bonecos de Canela, em 1998 (Figura 5).



Figura 5: Seli Maurício.

Fonte: Entrevista sobre "Simplicidade" com Seli Maurício vídeo disponível no YouTube.

Além do teatro, Seli Maurício participou de exposições coletivas com desenho, pintura e murais. Uma de suas obras mais reconhecidas é a Via Sacra entalhada em Madeira para a Igreja da Luz, em 1977.

Circulando entre o erudito e o popular, entre o sagrado e o profano, por muitas vezes ela foi incompreendida por um ou outro meio no qual circulava. A sociedade de uma cidade interiorana não aceitava que a mesma artista plástica que se consagrara ao realizar um trabalho altamente expressivo e delicado como a Via Sacra entalhada em madeira, se voltasse para a arte popular, fazendo teatro na rua. Por outro lado, as dificuldades financeiras eram grandes e Seli teve de animar festas tanto por paixão e vocação, quanto, principalmente, por necessidade financeira (MAURÍCIO, Rita. Disponível em: <<https://parasemprepoesia.wordpress.com/tema/>> Acesso em 02/11/2016)

O depoimento de sua filha explicita a condição da mulher artista em uma sociedade restritiva, o que lhe motivou a escrever e encenar o espetáculo “Para sempre: Poesia” homenageando a mãe artista e o pai poeta; um monólogo no qual contracenava com as marionetes confeccionadas pela mãe.

Foi o ativismo e a generosidade ao longo da trajetória de Seli Maurício que resolvemos destacar no livro colaborativo que integra a coleção em desenvolvimento. Selecionamos a intervenção artística realizada na Praça da Paz para construir uma linha narrativa própria dos livros ilustrados “obras em que a imagem é especialmente preponderante em relação ao texto, que, aliás, pode estar ausente. A narrativa se faz de maneira articulada entre texto e imagem” (Van der Linden, 2011, p. 24).

A Praça da Paz constitui a vertente mais ecológica e inclusiva de sua produção. Um terreno baldio ao lado da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, na Praia do Laranjal, Pelotas, que ela limpou, plantou, pintou e reabilitou para o convívio da comunidade. Os pequenos animais e o presépio construídos pela artista não resistiram a passagem do tempo, porém o verde dos murais ganhou o musgo da vegetação fundindo arte e natureza (Figura 6).



Figura 6: Mural na Praça da Paz. Fonte: foto de Daniel Moura 2017

Para esse projeto convidamos a artista e os alunos da Escola Barreto¹, para um encontro na Praça da Paz, onde registramos a emoção da artista, seu amor pela natureza e carinho para com as crianças, a felicidade de todos em um espaço pleno de vida. Olhando para as fotografias e os desenhos realizados durante aquela tarde de sol decidimos que este projeto gráfico tinha que contemplar esse fazer coletivo, que traduz com perspicácia a sua poética (Figura 7).



Figura 7: Encontro na Praça da Paz. Fonte: foto de Daniel Moura 2017

O livro foi feito em conjunto, onde cada integrante do grupo de pesquisa foi responsável por um dos elementos da ilustração, a personagem Seli foi desenhada por uma

¹ A escola é próxima da Praça da Paz no Laranjal e possui um mural na entrada do prédio de autoria da artista, que é conhecida pelos alunos, pelo seu envolvimento com a comunidade, uma vez que morou por muitos anos no bairro.

das pesquisadoras, o cachorro por outra, para o arvoredo e a aquarela do fundo colaboraram outros dois graduandos. A edição foi determinante para integrar as ilustrações com o desenho das crianças de forma lúdica, para que a história fosse divertida e aberta a interpretações e experimentações dos leitores. Ao final apresentamos Seli Maurício e o seu trabalho com um breve texto que reinventa com fantasia e sensibilidade a trajetória da artista (Figuras 8 e 9).



Figura 8: páginas do livro. Fonte: As autoras



Figuras 9: páginas do livro. Fonte: As autoras

Também formada na EBA logo com as primeiras turmas, no ano de 1954, **Arlinda Nunes** vai se destacar pelo protagonismo junto ao grupo de mulheres artistas pelotenses comprometidas com a arte e a cultura.

Sua energia e vivacidade lhe impulsionam ao encontro das poéticas abstracionistas e concretistas pouco conhecidas pelos artistas locais. A artista toma a iniciativa de escrever para a Fundação Bienal de São Paulo, instituições de ensino e galerias de arte do centro do país sendo contemplada com valorosa bibliografia e catálogos. Daí se origina uma reviravolta que

sacode a cena artística pelotense. Determinada a aprender e experimentar os movimentos artísticos modernos, Arlinda Nunes convence a artista Inah D'Ávila Costa, pioneira da arte abstrata no Brasil, a ministrar um curso para o seu grupo. Assim, tem início o “Curso de Desenho, Pintura e Estruturação” nos anos 70. Conforme depoimento do professor Pellegrin, percebemos a cisão que se estabelece e o quanto é determinante sobre o sistema das artes em Pelotas.

Então, a Arlinda envolve tanto as pessoas, que atinge a cidade como um todo, começa a ter uma efervescência, as amigas todas começam a produzir alucinadamente. Com uma amiga que trabalha numa loja chamada Moduloja, elas fizeram um espaço e criaram a galeria da Moduloja. Criando assim a primeira galeria de arte em Pelotas. E, não satisfeitas com isso, entram em contato com outros espaços e vão fazer cursos em Porto Alegre. Elas não param ali. Quando eu cheguei a Pelotas, conheci essa gente, elas eram As Artistas da cidade. Logo depois, chegam os anos 80, e com essa abertura política tem um movimento fantástico, a prefeitura tinha, aliás, sempre teve, o espaço do Hall, que funcionava muito mais do que funciona hoje, e o espaço do Casarão do meio da praça (FUNDAPel) por ali passaram artistas brasileiros importantes, do Rio de Janeiro, de São Paulo, Bahia, vieram artistas de renome, Magliani, por exemplo, expôs ali também. (depoimento concedido ao grupo em 12/12/2017)

A professora Carmen Diniz em suas pesquisas sobre a história da arte em Pelotas e seus artistas, enfatiza a articulação ensejada por Arlinda Nunes. Tendo sido a curadora da retrospectiva “Arlinda Nunes: a trajetória de uma artista e sua atuação nas artes plásticas de Pelotas”, ocorrida em julho de 2017 no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, também destaca no folder da exposição o protagonismo assertivo da artista.

Arlinda, totalmente integrada ao grupo de alunos do curso da Inah, passou a produzir intensamente, chegando algumas vezes a realizar 43 trabalhos em uma semana. Sua atuação influenciou um grupo de outros alunos, que com ela construíram um expressivo acervo artístico, decisivo para mudar o panorama artístico na cidade. (DINIZ, 2017)

Diniz lembra ainda a inserção da artista em espaços formais do ensino, além de ter sido professora na escola Assis Brasil, promoveu cursos de formação continuada para professores e atuou como produtora cultural. Arlinda Nunes fundou o Movimento Artístico de Pelotas (MAP) em 1976, que muito contribuiu para a divulgação da produção local, ultrapassando a esfera regional para ganhar visibilidade internacional.

Com mais de sete décadas dedicadas às artes plásticas, onde experimentou e inovou com diferentes materiais e técnicas nas linguagens do desenho, pintura, cerâmica, montagens e objetos, destacamos sua versatilidade e sua disponibilidade para aprender. Foram muitos cursos, muitos trabalhos, diferentes fases, distribuídos por uma numerosa participação em exposições que cobrem uma rota de Pelotas até as principais capitais europeias. Com grande

aceitação por parte do público e da crítica, a artista recebeu prêmios e ganhou colecionadores, sua obra esta espalhada entre acervos institucionais e particulares (Figuras 10 e 11).



Figura 10: detalhe do cartaz da exposição. Fonte: <https://wp.ufpel.edu.br/malg/>



Figura 11: A artista na montagem da exposição. Fonte: as autoras.

O projeto de curadoria da mostra retrospectiva procurou dar visibilidade a todas as fases poéticas de Arlinda Nunes, um trabalho primoroso que contou com a colaboração de pesquisadores, artistas, professores, alunos, colecionadores e familiares, demonstrando a inserção da artista na comunidade. Pellegrin comenta o projeto de curadoria:

Essa mulher não parou nunca, a cidade perdeu parte dos seus espaços de exposições, mas ela continuou produzindo [...] ela tem uma produção enorme, e sua historia reforça muito o status que ela tem, contando com o incentivo da família e de amigos. Ela fez muitas exposições, fazer uma exposição assim, com 30 obras e vender 28 (não é para qualquer um) [...] Então, a Arlinda transita por muitos lugares, nós tentamos mostrar um pouco de tudo, fizemos uma espécie de linha do tempo: primeiro mostrando o quanto a trajetória vai mudando, na primeira parede junto a entrada do MALG aparece a fase na Escola de Belas Artes, na outra parede começa o momento em que ela tem uma modernidade que não é contemporaneidade, ela fica

moderna a partir da Inah, ela inova com uma técnica mista, fazendo surgir um desenho preto muito forte. A própria Arlinda nos contou que, nesse momento, a Inah disse: olha, eu não tenho mais nada para te ensinar, a minha parte eu já fiz. Daí para frente, sua trajetória ganha em abstração e experimentação, essas fases estão dispostas na sala seguinte, trazendo inclusive os objetos, as cerâmicas e as montagens mais recentes, onde se percebe a maturidade do processo criativo. (Depoimento concedido ao grupo em 12/12/2017)

Acompanhamos a montagem da exposição, estivemos com os curadores e iniciamos o processo de levantamento da biografia e das imagens. Estas são etapas iniciais que percorremos para a definição da linha narrativa e projeto de design do livro dedicado à Arlinda Nunes. As figuras que seguem mostram os esboços da personagem, referenciada na obra da artista, e o processo de pintura digital em fase inicial (Figuras 12 e 13).

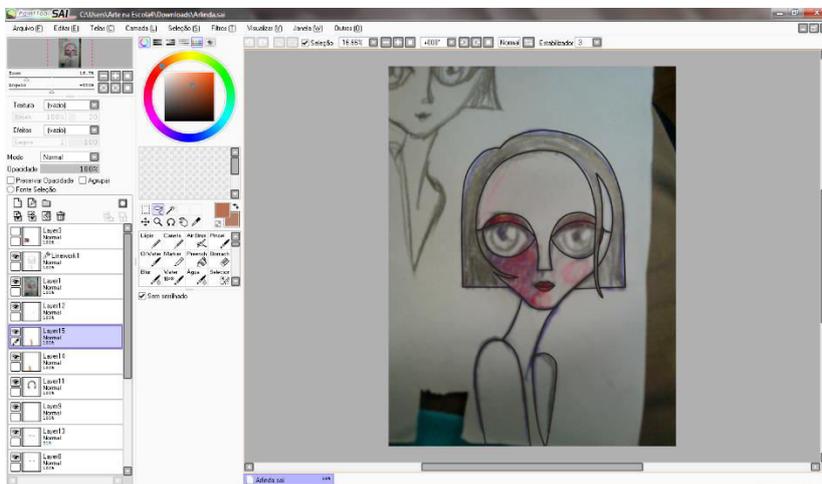


Figura 12: Esboço de personagem.
Fonte: as autoras.



Figura 13: Pintura digital de personagem. Fonte: as autoras.

Considerações

O projeto **As artistas do Sul em experiências lúdicas e educativas**, de caráter interdisciplinar e empírico, busca resgatar e valorizar a presença da mulher na arte do sul do Brasil, vislumbrando protagonismos que ultrapassaram fronteiras e foram responsáveis pelo engrandecimento e projeção da região em âmbito nacional e internacional.

Nossa metodologia é aberta e privilegia as biografias, as imagens, os espaços de atuação, as relações e as vivências que nos emocionam e nos levam a descobrir procedimentos para aliar construções poéticas e educativas, estabelecendo diálogos com outras práticas e áreas do saber. A perspectiva assumida visa identificar processos criativos e trajetórias, pontuando a recorrência de posturas profissionais e pessoais no que concerne ao

desenvolvimento da arte na região, e a abertura para novos caminhos de atuação e reflexão.

A experiência tem nos proporcionado um aprendizado significativo acerca das questões de gênero na arte, processos criativos autorais e ações educativas em torno da arte contemporânea. Temos investido na aquisição e no estudo de bibliografias sobre gênero e arte, incluindo desdobramentos que compreendem livros infantis sobre artistas. O projeto na sua continuidade contemplará as demais artistas selecionadas com intenção de promover seu reconhecimento, dar visibilidade para artistas e produções, aproximar o público infantil deste universo, oportunizando a inserção, colaborando com a reescrita da história da arte.

Referências

ARRUDA, Lina Alves. Revisões feministas das histórias da arte: contribuições de Linda Nochlin e Griselda Pollock. In: LODO, Gabriela. **VII Encontro de História da Arte: os caminhos da história da arte desde Giorgio Vasari**. Campinas, SP : UNICAMP/BC/IA, 2012, p. 250 – 255.

DINIZ, Carmen Regina Bauer. **Nos descaminhos do imaginário: a tradição acadêmica nas artes plásticas de Pelotas**. 1996. Dissertação – Curso de Pós Graduação em Artes Visuais, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

DINIZ, Carmen Regina Bauer. (Coord.). **Arlinda Nunes: a trajetória de uma artista e sua atuação nas artes plásticas de Pelotas**. Pelotas: Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, 2017.

LINDEN, Sophie van der; tradução Dorrothée de Bruchard. **Para Ler o Livro Ilustrado**. 1ª edição. São Paulo: Cosacnaify, 2011.

PELLEGRIN, José Luiz. Entrevista concedida. Pelotas, RS, dezembro de 2017.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru, SP: editora EDUSC, 2005.

POLLOCK, Griselda. **Encuentros en el museo feminista virtual**. Madrid, Ediciones Cátedra, 2010

ROSA, Renato; PRESSER, Décio. **Dicionário Artes Plásticas no Rio Grande do Sul**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, 2000.

ROSA, Renato (org.). **Magliani a solidão do corpo**. Porto Alegre: Pinacoteca Aldo Locatelli, 2013. Catálogo da exposição de Maria Lídia Magliani.

SANTO, Anaizi Cruz Espírito; DINIZ, Carmem Regina Bauer; MAGALHÃES, Clarice Rego (org.). **A Escola de Belas Artes de Pelotas – Memória e História**. Pelotas: Ed. UFPel, 2014.

SILVA, Ursula Rosa; LORETO, Mari Lúcie. **História da arte em Pelotas: a pintura de 1870 a 1080**. Pelotas: EDUCAT, 1996.